Karin Juruna

FORMAÇÃO EM GESTÃO TERRITORIAL E SERVIÇOS SOCIOAMBIENTAIS NO XINGU

23

BAIXO

A ilha Adjiha Tïhatïha

Um lugar sagrado

Agradecimento

Agradeço à minha comunidade Yudja e, principalmente, às pessoas sábias que me acompanharam nesse processo de pesquisa. Agradeço também aos professores e alunos da escola Kamadu na aldeia Tuba-Tuba, que também tiveram grande consideração por meu trabalho.

Ao Senhor Cacique Sadea Tinini Juruna da aldeia Tuba-Tuba, que vem me apoiando e orientando. Desde que comecei a participar do curso de Gestão (FTSSX), pedia para eu acompanhar o curso para ser um líder importante futuramente na minha comunidade. Eu quero agradecer também à Coordenadora do Projeto Cristina Velasquez e aos que trabalharam como docentes durante o curso.

Por último, agradeceço a André Villas-Bôas do Instituto Socioambiental, ISA, que sempre coordenou e lutou no Programa Xingu, buscou essa capacitação para os alunos indígenas, respeitou os direitos dos povos indígenas, acompanhou todas as lutas que aconteceram e que estão acontecendo nacionalmente em defesa dos povos indígenas.

Dedicatória

Dedico este trabalho para meus filhos Djonari, Thales Mariwade, Yakakidu, Dayalu, Xu`ena, Yaimaki e Yaikade Juruna, por terem compreendido minha ausência quando fiquei fora de casa para buscar o novo conhecimento de estudo. Aos meus irmãos Tawaiku, Sadea, Kayarewa, Aridapi, Yatariwaku, pela força neste trabalho de pesquisa.

Objetivo deste trabalho

Queria conhecer e compreender a história de um lugar sagrado. Para desenvolver a minha pesquisa, fiz reunião com a comunidade, contei que ia fazer uma expedição para região da Cachoeira e que iria levar alguns alunos para me ajudarem nas atividades de tirar fotos, filmar e entrevistar as pessoas mais velhas que iriam acompanhar a expedição.

Historiadores e pesquisadores Yudja

A ilha, um lugar sagrado, fica entre aldeia do Cacique Raoni Metuktire e a Cachoeira. Essa Ilha é extremamente importante e muito histórica para o meu povo Yudja. Os nossos bisavôs viviam nessa Ilha, a última que tem pedras formadas como praia. Nesse lugar, nem crianças nem adultos podem gritar ou falar alto, porque o espírito pode responder. Seguimos estas orientações dos historiadores, para não acontecer nenhuma coisa ruim nas nossas vidas.

Os pesquisadores nessa viagem foram Yamaradi Juruna, Kuyarewa Juruna, Kumadiwa Juruna e Yanuwaka Juruna. O historiador foi Tarinu Juruna. Para entender melhor sobre esse lugar sagrado, entrevistamos os conhecedores no próprio local.

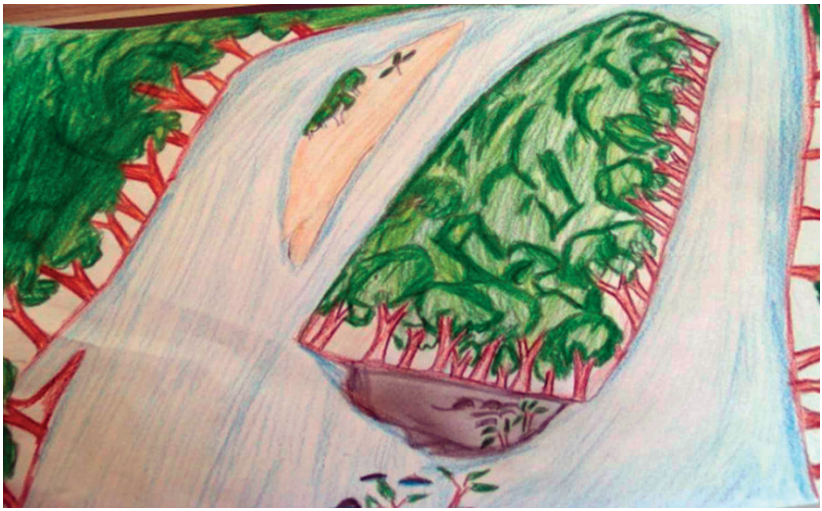
Yamaradi pediu para Tarinu contar sobre o nome do lugar, e por que o chamaram de Adjiha Tïhatïha. Kuyarewa pediu para que eles contassem porque esse lugar é sagrado e se tem túmulos dos antigos nessa Ilha. Kumadiwa pediu que contassem mais sobre o falecimento do Pajé. Yanukawa quis entender mais por que as pessoas não podem gritar ou falar alto aqui nesta ilha.

Os dois jovens Arewana e Yariato, fizeram os registros. Tiraram as fotos e filmaram para poder passar para quem está na aldeia, para toda a comunidade.

Tarinu, Yabaiwa, Yamaradi e Yaremadi

Arewana e Yabaiwa

Arewana e Yariato na ilha Adjiha Tïhatïha



Ilha sagrada, bem no meio do rio Xingu, entre a aldeia do cacique Raoni e a cachoeira

Tarinu Juruna (historiador), em sua entrevista, contou a história do lugar, falou sobre as pedras, etc. Disse:

– Quando chegamos a um lugar como esse, devemos sempre pedir permissão para o espírito que é o dono do lugar. Dizer a ele que viemos para conhecer os lugares

sagrados, dos quais os jovens normalmente não têm conhecimentos. A primeira coisa que sempre fazemos é isso: rezar para o bem!

O nome dessa Ilha é *Adjiha Tïhatïha* (Ilha Formigueira). Quando nossos antepassados chegaram aqui viram muita formiga, por isso chamaram assim.

Nessa ilha foi enterrado o grande líder conhecedor do mundo espiritual. O que ele via no sonho era mostrado pelo espírito! O que ele recebia de mensagem do espirito, ele retransmitia a seu povo. Ele contava coisas que iam acontecer.

Assim ele descobriu o que existe dentro das pedras. Contou para o povo que nessas pedras tem objetos como colares e anéis. E outros objetos que ainda vamos descobrir; ele dizia que um dia ainda vamos abrir essas pedras que têm outros objetos. O que pegarmos de dentro de cada pedra, será nosso. Assim ele retransmitia seu conhecimento para o povo.

Para esse grande pajé, as pedras eram vistas como malas, as pedras grandes eram casas dos espíritos. Durante o sonho ele tinha esse conhecimento dos seres invisíveis, do que eles faziam. Depois acordava com o objeto e mostrava para a comunidade. Cada dia ele mostrava objetos diferentes; depois que ele mostrava, desaparecia da mão dele. Ele mostrava tudo que vinha no sonho dele.

Ele tinha momento certo para encontrar os seres invisíveis e conversar: na caverna de pedra, durante dia, onde só ele pode dialogar com os espíritos, participar de festas, beber caxiri com eles. Só voltava para a aldeia no final da tarde quando acabava a festa dos espíritos. Quando chegava na aldeia, contava para o povo que estava bebendo caxiri com eles, que a festa foi boa. Assim ele foi adquirindo cada vez mais conhecimento espiritual.

Ele dizia assim:

– No dia em que eu morrer, não podem enterrar meu corpo, eu vou morrer de manhã e digo que ninguém pode chorar, pois eu voltarei no final do dia, como jovem, quero apenas trocar de pele! Vou voltar pelo caminho. A partir do momento em que eu fizer isso, todos nós vamos morrer velhos e voltar novos. Considerem a minha palavra, e vai acontecer assim com o povo Yudja. Essa palavra do nosso pai criador, nós nunca esqueceremos.

Porém, sua própria família não teve essa consideração; chegou o momento certo de ele adoecer, já bem velhinho. Ele relembrou do que dizia para seu povo, que era o momento de a família respeitar, cuidar e cumprir o que ele dizia. Mas seus

Yãkurewï , amï yãkurewï abaca bïa tade hi eziyaha e' ã

filhos desconsideraram suas palavras. Enquanto o pai estava doente, os filhos saíram em busca de alimentos. Saíram para pescar e, durante a pescaria, encontraram o jaburu e o mataram.

O espírito do jaburu fez mal ao pai doente, cortando a garganta dele espiritualmente. Ele não resistiu, morreu na hora. A sua alma não voltou. Se ele tivesse morrido sozinho, e seus filhos não tivessem matado o bicho, a alma dele voltaria no final da tarde, como citado anteriormente.

Assim ele morreu e foi enterrado aqui nessa ilha. Por isso aqui é um lugar sagrado que nós, Yudja, chamamos de aldeia do pajé, *Adjiha Tïhatïha, Eziyaha Iyama*. Chamamos por esses dois nomes.

Quando alguém ou algum parente está doente, nós do povo Yudja não mexemos com a vida do *Tuyuyu* ou jaburu. Se tivessem feito assim, não aconteceria com aconteceu com o grande pajé na época. Meu povo Yudja conta muita história sobre o Tuyuyu. Que o espirito dele é muito forte e que, quando carrega a nossa alma, a gente adoece e morre (principalmente quando você está com uma criança). Assim minha avó e meu avô contavam assim para mim, e eu transmito isso para meus filhos.

Outras histórias

Adjiha Tïhatïha fica bem no meio rio. Na ponta dela tem uma pedra bem bonita, como se fosse de piso de cimento. Do lado direito tem uma praia linda e, do esquerdo, tem uma praia bem encostada na ilha.

Embaixo dessas pedras, encontraram um pedaço de arma de fogo. Nós, jovens, achamos que era da época da guerra. O professor Tarinu Juruna disse que, nesse lugar, aconteceu briga entre os povos Kayapo e Yudja. Também aconteceu briga entre os Kayapo e pesquisadores brancos que desceram do Alto Xingu indo para Altamira no Pará, levando armas de fogo. Quando os Kayapo os encontraram nesse lugar, eles trocaram tiros. Então, pode ser que a arma encontrada tenha ficado afundada nesses acontecimentos, que teriam ocorrido na década de 30.

Perguntamos se, nessa época, os Kayapo já conheciam armas de fogo e com quem aprenderam a utilizar. O professor nos informou que sim, que já conheciam e que aprenderam a usá-las com os seringueiros. Continuamos a pesquisa querendo saber o porquê de os Kayapo terem brigado com os pesquisadores que vieram do Alto Xingu. Ele respondeu que os Kayapo são bravos e tiveram essa briga porque queriam ter mais armas de fogo, para atacar seus inimigos.

Conclusão

O lugar onde fiz minha pesquisa é chamado *Adjiha Tïhatïha*; estava querendo conhecer e entender melhor a história dessa ilha. Tive apoio da comunidade, pois este trabalho nos ajudará tanto na escola como fora, na valorização de nossa história. Historiadores e pesquisadores ainda têm muito o que conversar, planejando outras expedições!

A' i papera wäxiähã Tarinu papera ã' ãhaidju abïaha da kamenu anu

ISA
Instituto Socioambiental